

UMA FILA DE MÃES

Pronto-socorros lotados são o retrato mais cruel da saúde pública do Distrito Federal. Única opção da parcela mais carente da população, que não tem como apelar para a saúde privada, os hospitais estão sem médicos e sobrecarregados. A situação é pior no Gama e de Ceilândia, onde conseguir uma consulta no serviço de emergência dos Hospitais Regionais implica em ficar na fila entre quatro e seis horas.

Tímida, a doméstica Maria de Correia Brito, 34 anos, implorou para um médico atender logo a sobrinha, Aline, de seis meses, que estava com febre de 39 graus. Eram 11h e uma fila enorme de mães com crianças de colo já havia se formado na frente do Hospital Regional da Ceilândia (HRC). "Me disseram para levar a menina ao banheiro e molhar com água fria", contou Maria.

Cinco horas depois, às 16h, a pequena Aline ainda não havia sido atendida. "Se acontecer alguma coisa com meu filho, eu nem sei o que faço com esse pessoal", desesperava-se Maria da Guia Oliveira, 28 anos, grávida de quatro meses. No seu colo, José Igor, 11 meses, mal abria o olho. Há uma semana estava com febre e diarréia. "Nem água ele toma. Só Deus mesmo para por a mão no meio e ajudar", contou. Era a terceira vez que Maria da Guia tentava ser atendida no HRC.

"O atendimento desse hospital é muito ruim. Se a gente não brigar, não é atendido. Se fosse caso de emergência meu filho já tinha morrido", reclamava Adélia Neves Soares, 22 anos. Marcelo Henrique, seis meses, estava com febre e vômito há cinco dias. "Fui no Saúde em Casa, eles passaram um soro e meu filho piorou. Tive que vir para cá", contou a mulher, que chegou na fila às 9h e somente foi atendida sete horas depois.

"É terrível. Acabou a mamadeira e se meu filho chorar não sei o que fazer", preocupava-se Luciene Pereira dos Santos, 24 anos, que estava com os filhos Fernando Henrique, quatro anos, e Gustavo Alexandre, quatro meses. "Não tenho confiança no Saúde em Casa. Eles não atendem a gente direito e nem têm medicação para as crianças", reclama.

Reolta e desespero de mãe. Essa é uma cena corriqueira na fila da

emergência pediátrica do Hospital Regional de Ceilândia. A média de atendimento dos pediatras é 30 crianças por dia e, ainda assim, o movimento não conseguem dar fim à fila. Em média, cada consulta dura 15 minutos. "É muito frustrante, não trabalhamos da maneira ideal", afirma o pediatra Claudio Viana Júnior.

A falta de condições acaba gerando uma situação de confronto entre a equipe do hospital e os pacientes. "Eles acham que é má-vontade da gente. Brigam e xingam", revela uma atendente, que não quis se identificar. Na última quinta-feira, até às 16h, haviam sido atendidas 216 crianças.

PELA JANELA

A fila na emergência não é a única no HRC. Para visitar um parente ou conhecido internado é preciso enfrentar algumas horas de martírio. A dona de casa Josefa Maria dos Santos, 72 anos, não sabia e por pouco não ficou sem ver a filha internada Eurides Barbosa dos Santos, 36 anos.

O horário de visitas é bem apertado, das 15h às 16h, e Josefa chegou na hora dos portões serem abertos. A fila havia começado às 13h. "Não sabia que era assim", lamentou. Ela só conseguiu entrar dez minutos antes de encerrar o horário de visitas. Contou com a boa vontade dos funcionários e ficou até às 16h35.

A mesma sorte não teve o ascensorista Daniel Leite Domingues, 26 anos. Ele chegou depois do horário e não conseguiu entrar para ver o único filho Samuel, 3 meses. Desalentado, aproveitou que o setor de internações infantis fica no térreo e subiu o muro. Da janela, via o filho e a mulher. "Deviam ter mais respeito. A gente paga o INSS", reclamava.

"Aumentou a demanda do hospital e não temos médicos em número suficiente. Nossos profissionais estão trabalhando além das forças", afirma o diretor do HRC, Paulo Arlindo. Para o secretário de Saúde, Antonio Ramalho, no entanto, o quadro está longe de ser caótico.

Ele aposta no programa Saúde em Casa para conseguir conter a demanda nos pronto-socorros. "Muita gente vai para o hospital sem necessidade", alega. "O programa ainda não está totalmente implantado. Os resultados vão surgir em breve."